

BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS: GUARDIÃS DE BIBLIOTECAS PARTICULARES

Resumo: Este artigo busca observar um movimento de retorno de acervos bibliográficos particulares para as universidades. Um destes exemplos a serem observados são as coleções especiais – acervos particulares de livros ou bibliotecas particulares - que na origem das universidades, muito contribuíram para formar os acervos de suas próprias bibliotecas. Destacam-se nessa categoria, as aquisições por doação ou compra por parte das instituições que se organizaram para receber bibliotecas particulares e profissionalizaram sua administração para fazer a guarda e preservação destes acervos. O resultado do retorno da doação de acervos particulares às bibliotecas universitárias mostra-se através do desdobramento em diferentes níveis: as universidades como instituições mais adequadas a fazerem a guarda, a preservação física das obras, a digitalização de coleções e o acesso online em algumas propostas. Também salienta-se a valorização da instituição pela confiabilidade em fazer a guarda e das próprias coleções particulares e a visibilidade e aproveitamento que recebem da comunidade acadêmica através da pesquisa e produção científica em diferentes áreas que as coleções especiais podem proporcionar.

Fernando Leipnitz
Bibliotecário na Universidade Federal
de Santa Maria. Mestrando em
Patrimônio Cultural na UFSM.
leipnitz@msn.com

Marta Rosa Borin
Prof.^a Dr.^a. Departamento de
Metodologia do Ensino/CE
Universidade Federal de Santa Maria
mrborin@gmail.com

Palavras-chave: Bibliotecas universitárias. Coleções especiais. Patrimônio Cultural. Preservação.

UNIVERSITY LIBRARIES: GUARDIANS OF PRIVATE LIBRARIES

Abstract: this article intend to observe the return movement of private library collections to universities. One of these examples are the special collections - private collections of books or private libraries - that in the beginning of universities, greatly contributed to form the collections of their own libraries. It stands out in this category, acquisitions by donation or purchase by the institutions that have organized to receive private libraries and professionalized its management to the care and preservation of these collections. The result of the return of donations of private collections to university libraries is shown in different levels: universities as more appropriate institutions to keep, do the physical preservation of works, digitization of collections and online access in some proposals. It is also highlighted the value of the institution as keeper, by their reliability, and of private collections themselves by the visibility and enjoyment that they receive from the academic community through research and scientific production in different areas that the special collections can provide.

Keywords: University libraries. Special Collections. Cultural Heritage. Preservation.

1 BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS: BREVE HISTÓRICO

A fundação das universidades é considerada como um dos grandes acontecimentos da Idade Média. Segundo Martins (1998) as primeiras universidades são prolongamentos de ordens eclesiásticas e junto a esse movimento os acervos bibliográficos davam suporte ao ensino. Assim, as bibliotecas universitárias surgem da laicização do ensino que marca a época propiciando uma evolução na cultura ocidental.

Além dos acervos existentes em mosteiros, religiosos e nobres fizeram doações de suas coleções para serem incorporados às bibliotecas melhorando a quantidade e qualidade dos materiais que seriam tão importantes ao estudo. Por exemplo, a Universidade de Oxford recebeu de Richard de Bury, bispo de Duhran e chanceler da Inglaterra, em 1334, todos seus livros por doação. Outro exemplo que pode ser citado ocorre em 1440, quando Humphrey, duque de Gloucester, encaminhou mais 600 livros. Mais adiante, em 1597, outra doação de Thomas Bodley, veio a legar o nome deste para a biblioteca, chamada de Boudleiana. A própria universidade francesa de Sorbonne recebeu este nome em homenagem ao religioso Robert de Sorbon, que iniciou o acervo desta com a doação dos primeiros livros (Martins, 1998, p. 89).

Ocorre a partir do século XV um maior desenvolvimento das universidades e devido a este crescimento são criados prédios específicos para as bibliotecas dessas instituições. Junto a isso, fazia-se necessário o ofício de profissionais que trabalhassem com os livros.

Se antes os acervos eram necessários para atender ao movimento do ensino, a partir de então se torna latente a função do bibliotecário como aquele que administraria a guarda desses acervos que cresciam em quantidade com a explosão bibliográfica que a invenção da imprensa trouxe.

A multiplicação dos livros criou imediatamente um problema para um grupo profissional, o dos bibliotecários, embora seja óbvio que eles se tornaram ainda mais indispensáveis. (BURKE, 2002, p. 176).

Baratin e Jacob (2000, p. 9) dizem que “a acumulação de livros não é uma mecânica sem consequências” e com o passar do tempo o volume documental exigiu que a gestão bibliotecária tomasse decisões quanto a quantidade e qualidade dos materiais a serem incorporados. Das bibliotecas medievais até as dos tempos atuais, muitas responsabilidades foram incorporadas às formas de administrar uma biblioteca universitária, além de simplesmente fazer a guarda de material bibliográfico organizado.

Com a variação dos suportes, as formas de guarda e preservação, o tipo de acesso, aberto, fechado (ou mediante autorização), a organização padronizada do acervo, a mediação na pesquisa, e demais atividades que aproximam de maneira facilitada a comunidade acadêmica dos conteúdos depositados em suas coleções. As bibliotecas passaram a ser olhadas como um espaço que poderia otimizar o acesso à informação.

Buscou-se então tornar o espaço físico das bibliotecas mais amigável a permanência daqueles que se dirigiam a elas para sanar suas necessidades informacionais. Aos poucos, os prédios passaram a ser construídos visando o conforto dos leitores e pesquisadores. O layout dos ambientes, a sinalização indicativa dos materiais e serviços, a circulação das pessoas e o mobiliário foram ganhando importância para acolher aqueles que precisavam de um local de concentração para o estudo.

As tecnologias auxiliaram na padronização da organização e na gestão das bibliotecas. Com o volume de informação foi necessário criar códigos de catalogação para ordenar os materiais e também desenvolver sistemas de indexação para facilitar a recuperação das informações. Estudos de comunidades e usuários foram implementadas para identificar a população consumidora dos produtos e serviços, preferências e necessidades. Ou seja, de um local inicialmente sagrado como eram as bibliotecas antigas, as bibliotecas universitárias passaram a trabalhar aliadas à dinâmica dos cursos que atendiam para dar suporte de maior qualidade ao ensino e à pesquisa.

No Brasil, as bibliotecas universitárias seguiram a criação das IES (Instituições de Ensino Superior). Estas podem ser privadas, estaduais ou federais. Segundo Carvalho (1981, p. 1) são “destinadas a suprir as necessidades informacionais da comunidade acadêmica” e ampliam o acesso à infraestrutura bibliográfica, documentária e informacional (Tarapanoff, 1981) favorecendo a construção do conhecimento. Os serviços das bibliotecas atualizam-se pela mudança das necessidades dos usuários, da inserção de novas tecnologias que em muita facilitam a circulação e recuperação da informação e pela capacidade gerencial das diversas tipos de coleções e materiais que detém.

A gestão de cada biblioteca de uma universidade possui autonomia relativa, pois pode estar vinculada, direta ou indiretamente, a um órgão superior. Uma biblioteca pode ser do tipo central ou setorial. Esta última estará ligada a um centro de ensino ou um centro de documentação e pesquisa. Desta forma, a gestão e suas decisões também podem variar, pois estarão vinculadas aos objetivos desta ligação.

A partir da modernização tecnológica e de inovações nas práticas de gestão ocorre um movimento de retorno à incorporação de coleções bibliográficas particulares às universidades. Se na origem da história das bibliotecas universitárias a incorporação de coleções ocorria com o objetivo de iniciar ou melhorar a qualidade de um acervo voltado ao ensino, hoje o sentido deste movimento tem um novo viés. Ao que parece, os detentores de coleções particulares veem nas universitárias uma possibilidade de confiar o seu acervo particular à profissionais especializados na gestão de bibliotecas.

Assim, alguns exemplos atuais demonstram a credibilidade confiada às universidades como depositárias de bibliotecas particulares que durante anos foram colecionadas e agora passam a fornecer material de pesquisa à comunidade acadêmica e a pesquisadores externos. Ao que veremos a seguir, tudo indica que para lidar com Coleções Especiais as universidades que têm seriedade nos processos de gestão, recursos adequados, a participação de profissionais de distintas áreas, o envolvimento da instituição e da comunidade acadêmica, estão mais aptas a abrirem suas portas para administrar a guarda de coleções especiais.

2 BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS E O VALOR DAS COLEÇÕES ESPECIAIS

Uma biblioteca está longe de ser um lugar inerte. Seja um acervo particular ou uma biblioteca institucionalizada, quando um acervo bibliográfico é acumulado ocorre a convergência para um local específico de informações sobre o mundo, de dados locais, fragmentos de saber e de real, proporcionando assim a capacidade de produzir efeitos intelectuais e transmissão de cultura. E ao mesmo tempo um lugar de continuidade, mas também de possibilidade de ruptura com a tradição (Baratin; Jacob, 2000).

Leão (2003) nos diz que na etimologia da palavra biblioteca vê-se sua explicação original: *biblio* (*byblos*, livro, matéria-prima de onde se extraía o papiro) e *teca* (local de guarda). O vocábulo biblioteca, ainda segundo Leão (2003, p. 83) remete a estabelecer ou instituir o guardar, o cuidar, além de colher, coletar, acolher e recolher através de seleção aquilo que precisa ser conservado e protegido para garantir a vitalidade da linguagem seja qual for.

Um lugar de memória nacional, espaço de conservação do patrimônio intelectual, literário e artístico, uma biblioteca é também o teatro de uma alquimia complexa em que, sob o efeito da leitura, da escrita e de sua interação, se liberam forças, os movimentos do pensamento. (BARATIN; JACOB, 2000, p. 9)

Se pensarmos numa biblioteca particular ainda poderíamos refletir sobre outros envolvimento. Montar um acervo bibliográfico pessoal não significa apenas acumular títulos, denota as preferências de escolha. As bibliotecas particulares são referências importantes para conhecer as ambições dos homens (Bessone, 2014), pois um acervo bibliográfico pessoal traz as obras escolhidas que influenciaram a construção do pensamento de quem colecionou aquele acervo. Pode-se percorrer as anotações durante a leitura das obras, o fluxo de pensamento daquele leitor. Uma parte da vida de uma pessoa organiza-se pelas leituras que acumula.

Algumas instituições têm declinado interesse em trazer para seus espaços essas coleções. Como um exemplo deste acolhimento de coleções particulares, podemos citar em Porto Alegre, a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. No 7º andar da Biblioteca Central Irmão José Otão e existe o DELFOS¹ – Espaço de Documentação e Memória Cultural que objetiva a preservação da memória e a promoção da cultura. O espaço é composto por documentos ligados à cultura gaúcha doada pelas famílias das personalidades que mantinham acervos particulares de grande valor. Estão disponíveis ao pesquisador nos acervos deste espaço, documentos referentes às áreas de Letras, Artes, Jornalismo, Cinema, História e Arquitetura (Delfos, 2015).

Inaugurado em 2008, o Delfos possui 800m² para abrigar acervos particulares (livros – alguns originais, correspondências, manuscritos, plantas de arquitetura, fotos, vestimentas e objetos), salas de estudo e sala de pesquisa para pesquisadores cadastrados. Estes acervos encontram-se em diferentes níveis de organização: higienização, classificação, catalogação e disponibilização para a pesquisa (Passos, 2005).

Através do sistema de comodato e doação, um bom número de personalidades e escritores relacionados com a história e cultura do Rio Grande do Sul, têm seus acervos depositados no Delfos: Caio Fernando Abreu, Cyro Martins, Dyonélio Machado, Moacyr Scliar, Manoellito de Ornellas, Eduardo Guimaraens, Celso Pedro Luft, Lila Ripoll, Luiz Antonio de Assis, Reynaldo Moura, Paulo Hecker Filho, Moysés Velinho, Antonio Carlos Resende, Francisco Fernandes, IrmãoElvo Clemente, João Otávio Nogueira Leiria, Lara de Lemos, Luiz Antônio de Assis Brasil, Luiz de Miranda, Luiz Pilla Vares, Maria Dinorah Luz

¹O nome do Espaço faz referência ao Oráculo de Delfos, situado na cidade de mesmo nome na antiga Grécia. O Oráculo de Delfos era um templo consagrado ao Deus Apolo onde as sacerdotisas, conhecidas como Pítonisas, profetizavam em uma espécie de transe. O antigo povo do Mediterrâneo tinha tanta fé em tais profecias que nenhuma decisão era tomada sem antes consultar o Oráculo de Delfos. No entorno do Oráculo de Delfos estavam pequenas capelas que abrigavam thesaurus (tesouros), donativos e ex-votos, frequentemente valiosos, como é o caso dos tesouros de Siracusa, Cirenea, Cnifo, Sifnos, entre outros. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/delfos/?p=apresent>>. Acesso em: 19 jul 2015.

do Prado, Oscar Bertholdo, Oswaldo Goidanich, PatriciaBins, Paulo Fontoura Gastal, Pedro Geraldo Escosteguy, Roberto Eduardo Xavier, Zeferino Brasil. Acervo do arquiteto Theo Wiederspahn; acervos fotográficos da Revista do Globo, acervo de Júlio Pertersen, de Júlio Padjem, Qorpo Santo, arquivos históricos da Ação Integralista Brasileira (AIB) – Partido de Representação Popular (PRP), José Honório Rodrigues, Benno Mentz. Além de periódicos literários, cartilhas, seletas e outros materiais.

A tipologia de materiais é analisada no tratamento técnico e depois os acervos passam a compor o Acervo Delfos, consultado através de um catálogo específico (Catálogo Delfos) onde podem aparecer como Documentos textuais: almanaques, certificados, diplomas, correspondências, edições originais, folhetos, livros, manuscritos etc); documentos cartográficos (fotografias aéreas, mapas, plantas); documentos iconográficos (desenho, fotografias, gravuras, pinturas, retratos); documentos audiovisuais e eletrônicos: filmes, microfilmes, fitas K7, VHS, discos etc) e artefatos tridimensionais: equipamentos, maquetes, móveis, objetos pessoais, indumentárias e outros.

Há também outro dispositivo de gestão dos acervos implantado na PUC/RS, o Delfos Digital. Este tem por missão preservar e prover acesso aberto de forma on-line aos documentos digitalizados destes acervos. Desta forma procura ampliar a visibilidade através do compartilhamento dos documentos e integrar sistemas de rede nacionais e internacionais de informação através da interoperabilidade e padrões internacionais (Delfos Digital, 2015). Busca, com isso, garantir o armazenamento digital de maneira segura e que sua permanência sirva como fonte de pesquisa.

Outra universidade que pode ser apresentada como exemplo neste processo de retorno de acervos particulares às bibliotecas é a Universidade de Campinas, em São Paulo. Através da aquisição de bibliotecas particulares esta universidade gerencia acervos de importes personalidades que se dedicaram a estudar a história e cultura do Brasil (Unicamp, 2015a). Com um conjunto de acervos na área de humanidades tornou-se centro de referência para a pesquisa, distribuída em bibliotecas, arquivos e centros de documentação da universidade (Unicamp, 2015a).

Criada em 1984 a Diretoria de Coleções Especiais e Obras Raras abriga importantes acervos de personalidades, intelectuais e ex-professores da Unicamp que marcam a história do país e da própria universidade, tais como: Coleção Sergio Buarque de Holanda, Coleção César Lattes, Monteiro Lobato, Hilda Hilst, Edgard Leuenroth, Oswaldo de Andrade, Francisco Glicério, Alexandre Eulálio, Aristides Candido de Mello e Souza, Britto Broca, Cicognara, Cornélio Pena, Peter Eisenberg, José Albertino Rodrigues, Mauricio Knobel, entre outros. O

acervo contempla ainda coleções de histórias em quadrinhos, de assuntos latino-americanos, Mulher Corioba – obras em alemão de um empresário de tecidos -, Coleção Novo Mundo sobre o descobrimento da América, Coleção Primeiras Edições, Coleção Oficina do Livro - acervo do colecionador Cláudio Giordano (Unicamp, 2015a).

A equipe de gestão da Unicamp destaca a diferença entre coleção e coleção especial na organização do acervo da seguinte maneira:

Coleção é a reunião de obras por um indivíduo ou instituição, motivada por interesse profissional, temático, histórico, cultural ou artístico. Uma coleção é considerada especial, pelas instituições de custódia, em decorrência do valor do conjunto em seu todo, tendo em vista trajetória de quem a reuniu, a importância de seu conteúdo ou, ainda, as características de raridade de exemplares que a integram. (UNICAMP, 2015b).

A área de Coleções Especiais da Unicamp procura reunir, preservar e dar acesso às obras raras e coleções especiais à comunidade acadêmica e ao público em geral. São mais de 100 mil livros divididos em 18 coleções que em sua maioria estão catalogados e disponíveis para consulta local, uma vez que se trata de materiais únicos ou especiais.

Muitos destes livros possuem marcas de propriedade, anotações manuscritas, dedicatórias de pessoas célebres, edições numeradas, limitadas ou de luxo, documentos escassos, inéditos e preciosos, com valor no mercado livreiro ou valor como artefato, significado histórico entre outras particularidades. Dentre as raridades, estão obras dos séculos XV, XVI, XVII, XVIII, XIX e XX (UNICAMP, 2015a).

Além de documentos, cartas, manuscritos e originais de obras inéditas ou publicadas, uma biblioteca particular mostra a história de leitura dos escritores (Passos, 2010, p. 201). Tais acervos representam um patrimônio de grande valor cultural e histórico à disposição da comunidade acadêmica e dos pesquisadores interessados em estudar o legado intelectual, material e científico que contribuiu para as suas regiões (Moreira, 2012, p. 10)

Como destaca Moreira (2012) a guarda desses acervos é de inestimável valor para as próprias instituições depositárias:

Os acervos são espaços privilegiados para a pesquisa, fontes de produção científica da mais alta qualidade, sob a forma de artigos, dissertações, teses e livros, promovendo, assim, a expansão do conhecimento em diversas áreas. (MOREIRA, 2012, p. 5).

A importância de se preservar acervos bibliográficos e documentais é sua função social para a memória de uma instituição, região e país. Segundo Chagas (2002, p. 21), arquivos,

museus e bibliotecas são locais onde são reunidos e preservados bens culturais de valor histórico e informativo. A escolha para que a preservação de bibliotecas particulares ocorra nas universidades mostra-se extremamente adequada, pois favorece com isso estudos de acervos de escritores que hoje seria uma das mais eficientes maneiras de recuperar o contexto em que o artista produziu sua obra (Comitti, 2000).

3 BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS COMO GESTORAS DE COLEÇÕES ESPECIAIS

Para que essas coleções tenham chegado às universidades e ocupado espaços de destaque nas bibliotecas, foram discutidos e desenvolvidos critérios para que sua gestão seja possível. Sem isto, aceitar a uma doação ou desejar que determinada coleção ingresse no acervo de uma biblioteca universitária é impensável.

Não há como formar e desenvolver coleções sem se deparar com questões próprias da natureza do processo, tais como o que se vai colecionar, por quê, para quê e para quem colecionar (WEITZEL, 2002, p. 61).

Questões como espaço físico – um temor dos bibliotecários -, mas também as condições administrativas para incluir um novo acervo requer o estabelecimento de uma Política de Desenvolvimento de Coleções atualizada e respeitada. Historicamente, segundo Mattos e Dias (2009), este processo de gerenciar coleções, inicia-se mais precisamente nas bibliotecas universitárias de países anglo-saxões, em virtude das restrições orçamentárias e do acúmulo exponencial de obras. Com isso os bibliotecários se obrigaram a implementar critérios de avaliação, seleção, aquisição (por compra, doação ou permuta), armazenamento, desbastamento e descarte.

As diretrizes de uma Política de Desenvolvimento de Coleções visam racionalizar o espaço físico, otimizar recursos financeiros, equipamentos, rotinas, atender expectativas e exigências dos usuários das bibliotecas, avaliar custo *versus* benefícios de investimentos (Martins; Cámara; Villa Boas, 1998, p. 2) fornecendo desta forma subsídios uma tomada de decisão mais objetiva. Não são poucas as questões quando se pensa na simples guarda de um acervo. Exigem-se critérios específicos que precisam ser atendidos para que o aceite seja responsável e o tratamento do material por parte dos gestores da instituição respeite as condições ideais de guarda.

Os recursos humanos que compõem a equipe de trabalho das bibliotecas e centros de pesquisa também devem ser em número adequado e capacitado tecnicamente para este ofício.

O trabalho envolve o planejamento sobre o espaço físico necessário para disponibilizar as doações, a avaliação das obras, a seleção, a higienização, o acondicionamento, a catalogação, a indexação, a preservação, decisões sobre se uma nova coleção fará parte de catálogo único ou especificada em separado, criação de regulamento para seu uso são apenas algumas olhares que envolvem o recebimento de uma coleção e envolvimento de pessoas de diferentes capacidades neste processo.

No estabelecimento de uma documentação institucional clara e objetiva estarão definidos os critérios que mostram o caminho a ser seguido pela administração da unidade quanto à gestão de acervos. Entende-se assim que uma Política de Desenvolvimento de Coleções funciona como um “filtro” nos diz Weizel (2002, p. 64), pois engloba o planejamento em diferentes níveis das responsabilidades envolvidas. Como uma atividade administrativa precisa ser pensada como um processo cíclico pois significa coletar dados sobre o público que pretende atender (perfil da comunidade) e os serviços que serão disponibilizados para ofertar os acervos que pretendem gerir.

Como recomendam Romani e Borzscz (2006), pessoas das áreas técnicas de interesse ligados ao acervo a ser incorporado devem ser envolvidas no processo de incorporação de uma coleção e representantes administrativos devem auxiliar na coordenação dos processos legais. Apesar do cuidado que dedicará à guarda e preservação de uma coleção, a instituição que passa a depositar um acervo particular, precisa se comprometer tecnicamente, mas procurar deixar claro não ter responsabilidade quanto à ocorrência de sinistros causados por incêndios, fatores climáticos (alagamentos, tempestades etc) ou vandalismo, mesmo que a sejam previstas inúmeras etapas de proteção.

A documentação que transfere os direitos da posse pode ser elaborada com auxílio do departamento jurídico para isentar a instituição caso danos não controláveis venham a ocorrer com o material. Vergueiro (2010, p. 76) diz que “formalizar o ato de doação é medida prudente no caso de reclamações”.

Portanto, ao receber um acervo particular por doação este deve receber a mesma seriedade na avaliação de uma aquisição por compra, inclusive recursos necessários suficientes para que o tratamento técnico seja igualmente criterioso. A doação é uma função da aquisição (Vergueiro, 2010. p. 75), mas diferencia-se porque pode não ser iniciada pelos bibliotecários. Este fato pode ocasionar sobrecarga no corpo técnico, preocupações quanto à disponibilidade de espaço físico e uma demora no seu tratamento pode dificultar uma decisão sobre a incorporação.

Em um país onde as bibliotecas e centros de informação são alvos de restrições orçamentárias, as doações são uma inestimável fonte para a aquisição de recursos informacionais (VERGUEIRO, 2010, p. 75).

Segundo Andrade e Vergueiro (1996, p. 78) as doações podem ser solicitadas ou espontâneas. Na falta de condições para fazer a gestão de uma doação pode ocorrer a negativa por parte do corpo técnico da biblioteca e com isso corre-se o risco de deixar de obter itens valiosos e importantes.

Quando o trabalho de incorporar doações de acervos importantes é bem realizado, frequentemente uma biblioteca é procurada para a doação, pois indica sinal de seu prestígio junto à comunidade (Vergueiro, 2010, p. 75).

Destacamos a PUCRS como um exemplo de gestão quando envolveu a comunidade em seu projeto. Definiu-se editais de concessão de bolsas para as atividades de organização, manutenção e divulgação dos acervos, orientados por coordenadores, docentes pesquisadores dos Programas de Pós-Graduação das unidades que compõem o espaço destinado às coleções especiais (Moreira, 2012, p.10). Para os procedimentos na área da Biblioteconomia e da Informática, o treinamento e a orientação dos bolsistas desse projeto ficaram a cargo de funcionários da Biblioteca Central da instituição.

No exemplo do Delfos, foi criado um Comitê Técnico-Administrativo (CTA), composto pelos diretores da Biblioteca Central e das faculdades com assuntos correlatos aos acervos para elaborar critérios de conservação e classificação do material bem como para a inclusão ou exclusão de coleções (Passos, 2010, p. 202).

Na Unicamp os critérios de seleção e aquisição de futuras bibliotecas ou coleções particulares são definidos por Instrução Normativa e aplicados pela comissão formada por bibliotecários, arquivistas e especialistas da área de concentração do acervo (Unicamp, 2015a).

Assim como critérios de raridade que objetivam padronizar os serviços de seleção, processamento técnico, acesso e preservação das Obras Raras e Coleções Especiais que definem manuais e procedimentos para aquisição por meio de doação, compra, comodato ou permuta de acervos arquivísticos, bibliográficos e museológicos (Unicamp, 2015a).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ocorre, como podemos notar, um retorno de acervos particulares às universidades. Se antes apenas pessoas da nobreza e entidades religiosas tinham condições para formar grandes

coleções bibliográficas, quando o livro passou a ser um produto facilmente encontrável muitas pessoas passaram a formar suas próprias coleções.

Inicialmente as coleções bibliotecas particulares eram doadas para iniciar uma biblioteca universitária ou aumentar seu acervo. Hoje estas coleções particulares fazem um movimento inverso. Ao serem adquiridas ou doadas para uma universidade ganham mais valor pelo estudo dedicado a elas, pois as universidades são as instituições que melhor podem dar usabilidade a estes acervos através de pesquisas da graduação e pós-graduação das mais diversas áreas.

Estes acervos pessoais que foram livremente formados podem, muitas vezes, guardar exemplares únicos ou esgotados de obras e com isso, contribuir para melhorar a qualidade de um acervo de uma biblioteca. Bem como contam a história do próprio colecionador através da vinculação dos conteúdos à produção literária ou científica deste. Ao mesmo tempo, o estudo declinado às coleções além de valorizá-las podem trazer para as universidades maior renome como depositárias de coleções únicas de personalidades ligadas à instituição, à cidade e à cultura regional.

Porém as universidades sabem que não podem solicitar ou aceitar uma doação sem um planejamento que torne efetiva a manutenção desta responsabilidade assumida. Recursos adequados e documentação institucional que estabeleçam critérios para que o trabalho siga de maneira organizada são fundamentais para que estas iniciativas sigam rendendo frutos à comunidade acadêmica. O compromisso precisa estar estabelecido para respaldar aquele que encaminha o acervo para ser cuidado por uma instituição, e esta necessita das condições adequadas para cumprir com a proposta de ser a guardiã destes acervos.

Esse movimento de encaminhar coleções particulares, construídas com muita dedicação e afeto por parte dos proprietários, sejam escritores, intelectuais, pesquisadores - e conforme o caso, seus herdeiros -, só é possível conforme os exemplos listados, porque algumas universidades com suas bibliotecas e centros de documentação, possuem pessoal capacitado, espaço físico, condições materiais e documentação estabelecida que se compromete a fazer o tratamento e a guarda destes acervos particulares de maneira segura.

Assim, mesmo na atual época das mídias eletrônicas, os acervos das bibliotecas ainda se mostram fundamentais para o desenvolvimento de uma civilização. O volume das publicações impressas ainda não diminuiu como preconizavam os navegadores que falavam sobre o fim dos livros e as bibliotecas continuam fazendo a guarda de vários tipos de suportes informacionais de maneira organizada. Elas favoreceram ao longo de sua história o acesso à

informação às mais diversas áreas e a construção do conhecimento o que confere a elas a categoria de patrimônio cultural, pois são importantes locais de memória e preservação de fontes de informação.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, D; VERGUEIRO, W. **Aquisição de materiais de informação**: princípios e técnicas. Brasília: Briquet de Lemos, 1996.

BARATIN, M; JACOB, C. (Org.). **O poder das bibliotecas**: a memória dos livros no ocidente. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000.

BESSONE, T. M. **Palácio de destinos cruzados**: bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro, 1870-1920. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

BURKE, P. Problemas causados por Gutenberg: a explosão da informação nos primórdios da Europa moderna. **Estud. Av.**, São Paulo, v.16, n.44, jan./apr. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v16n44/v16n44a10.pdf>. Acesso em: 3 jul 2015.

CARVALHO, M. C. R. **Estabelecimento de padrões para bibliotecas universitárias**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1981. 71 p.

CHAGAS, M. Cultura, patrimônio e memória. **Ciência e Letras**, Porto Alegre, v. 27, n. 31, p. 15-29, jan./jun. 2002.

COMITTI, L. Acervos de escritores e preservação. **Ciência e Letras**, Porto Alegre, n. 27, p. 167-174, jan./jun. 2000.

DELFO – Espaço de Documentação e Memória Cultural. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/delfos/>>. Acesso em: 6 jul 2015.

Delfos Digital – PUCRS. Disponível em: <<http://delfosdigital.pucrs.br/dspace/static/sobre.jsp>>. Acesso em: 6 jul 2015.

LEÃO, E. C. No âmago da linguagem. In: Portella, E. (Org.). **Reflexões sobre o caminho do livro**. São Paulo: Editora Moderna/UNESCO, 2003.

MARTINS, V. S. G; CÁMARA, M. U; VILLAS BOAS, M. L. F. Estabelecimento de uma política de desenvolvimento de coleções no Sistema de Bibliotecas da Unicamp. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 12, 2000, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis, 2000. Disponível em: <<http://snbu.bvs.br/snbu2000/parallel.html>**Erro! A referência de hiperlink não é válida.**>. Acesso em: 6 jul 2015.

MARTINS, W. **A palavra escrita**: história do livro, da imprensa e da biblioteca. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1998.

MATTOS, A. M; DIAS, E. J. W. Desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias: uma abordagem quantitativa. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 14, n. 3, p. 38-60, set./dez. 2009.

MOREIRA, A. T. C. DELFOS, um espaço construído pela pesquisa. **Letras de Hoje**, Porto Alegre. Porto Alegre, v.45, n.4, p. 5-10, 2010. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/8546/6060>> Acesso em: 6 jul 2015.

PASSOS, M.H.P. DELFOS: um espaço de documentação e memória cultural em Porto Alegre. **Manuscritica**. n.18, 2010, p. 200-205. Disponível em: <<http://www.revistas.fflch.usp.br/manuscritica/article/view/1101/1003>>. Acesso em: 06 jul 2015.

ROMANI, C; BORSZCZ, I (orgs.). **Unidades de informação: conceitos e competências**. Florianópolis: Ed. da Universidade Federal de Santa Catarina, 2006. 133 p.

TARAPANOFF, K. **Perfil do profissional da informação no Brasil**. Brasília: IEL, 1997.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (Unicamp). Sistema de Bibliotecas da Unicamp (SBU). **Biblioteca Central Cesar Lattes** - Coleções especiais e obras raras. Disponível em: <http://143.106.108.41/portal/index.php/colecoes-especiais/colecoes-especiais-e-obras-raras?id=33>. Acesso em: 3 jul 2015a.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (Unicamp). Sistema de Bibliotecas da Unicamp (SBU). **Coleções especiais e obras raras**. Disponível em: <http://143.106.108.41/portal/index.php/colecoes-especiais/colecoes-especiais-e-obras-raras>. Acesso em: 3 jul 2015b.

VERGUEIRO, W. **Seleção de materiais de informação: princípios e técnicas**. 3ª ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2010.

WEITZEL, S. R. Desenvolvimento de coleções: origem dos fundamentos contemporâneos. **Transinformação**, Campinas, v. 24, n. 3, p. 179-190, set./dez. 2012.

WEITZEL, S. R. O desenvolvimento de coleções e a organização do conhecimento: suas origens e desafios. **Perspect. Ciênc. Inf**, Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. 61-67, jan./jun. 2002.